



Resenha

Ler e avaliar: verbos conjugados no cenário escolar

Reading and evaluating: conjugated verbs in the school scenario

*Francisco Renato LIMA **

“O verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: “Me Ame!” “Sonhe!” “Leia!” “Leia logo, que diabo, eu estou mandando você ler!”

– Vá para o quarto e leia!

Resultado?

Nulo.

[...]

– Quantas páginas?

– Trezentas ou quatrocentas...

(Mentiroso...)

– É pra quando?

O anúncio da data fatídica provoca um cortejo de protestos:

– Quinze dias? Quatrocentas páginas (quinhentas) para ler em quinze dias!

Mas nós não vamos conseguir nunca, Professor!

Professor não negocia!

[...]

O professor protesta, com **caneta vermelha**, que essa não é a denominação correta, que **é preciso dizer** se é um romance, um ensaio, uma antologia de contos, uma coletânea de poemas, [...]. (PENNAC, 1993, p. 13-23) (Grifos meus)

* Mestre em Letras pela UFPI. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1372-5444>. fcorenatolima@hotmail.com

Este diálogo ilustra a análise apresentada nesta resenha, uma vez que põe em cena os conflitos, as tensões e as inflexibilidades que cercam a leitura e a avaliação no cenário escolar.

Ler e avaliar são verbos que historicamente têm sido conjugados no âmbito escolar, embora, na maioria das vezes, ocorra de modo dissociado de parâmetros funcionais e operacionais que deem conta da dimensão processual que essas práticas combinam (ou deveriam combinar!). Na esteira dos equívocos e das lacunas que a questão abarca, está o papel do professor de, a um só tempo, ensinar a ler, tarefa demasiadamente complexa; e aprender a avaliar, tarefa humanamente desestabilizadora, uma vez que implica olhar para o outro diante de uma situação de aprendizagem e emitir um parecer valorativo.

Tarefa essa desafiadora à prática pedagógica e que Robson Santos de Carvalho se propõe a ajudar, por meio das reflexões tecidas na obra: *Ensinar a ler, aprender a avaliar: avaliação diagnóstica das habilidades de leitura*. O autor compartilha de sua experiência de formação inicial em Letras (UFMG), mestrado em Estudos Linguísticos (UFMG), doutorado em Linguística (UFMG) e atua como professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alfenas (Unifal). Pesquisa principalmente sobre formação de professores, ensino-aprendizagem, avaliação escolar, leitura e habilidades.

À frente, então, desse lugar de “professor”, sobretudo, categoria que o habilita a assumir uma postura crítica e reflexiva sobre as práticas escolares, Robson, em 2018, no referido livro, traz um referencial para pensar as questões de ensino, de leitura, de aprendizagem e de avaliação. Esta articulação está distribuída em cinco capítulos, além do texto de abertura, no qual trava “*um dedo de prosa*” com o leitor, apresentando a gênese da feitura do livro; e a “*conclusão*”, na qual assume um tom de convite e incentivo aos professores a aperfeiçoarem suas práticas de avaliação em leitura, a

partir de um modelo diagnóstico que valorize a dimensão processual e interativa que envolve a construção de sentidos no texto.

O capítulo I, *“Habilidades, competência leitora, texto e leitura”*, destaca, a partir dos parâmetros de análise propostos pela Linguística Textual (LT), as matrizes de referência para os níveis de trabalho com o texto em Língua Portuguesa. Para ilustrar suas considerações, o autor toma por empréstimo, as noções de **habilidade** e **competência**, propostas por Philippe Perrenoud, a fim de refletir sobre o desempenho de estudantes em avaliações de leitura. Ainda para dimensionar o trabalho avaliativo, ele aponta para a dimensão que o texto assume na escola, a partir de uma perspectiva sociointeracionista de linguagem, que se alinha ao conceito de **leitura e letramento**, como movimentos interpretativos e de percepção sobre o funcionamento das coisas no/do mundo social, implicando, nesse sentido, perceber o conhecimento do sujeito no processamento do texto. Fundamentais, então, na promoção dessa habilidade, são as atividades de leitura e de compreensão propostas nos Livros Didáticos (LD), por isso, alinha-se às reflexões de Luiz Antonio Marcuschi e conclui que muitas das ‘questões de leitura’, propostas nos LD, são apenas de cópia e de codificação de informações explícitas no texto, não contribuindo, portanto, para o desenvolvimento de competência leitora no sentido crítico e reflexivo

No capítulo II, *“O que é avaliação afinal?”*, partindo das constatações anteriores, discute sobre o conceito de avaliação, à luz das orientações oficiais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9.394/96. Em todas as instâncias da esfera escolar, a avaliação aparece como um tema polêmico e complexo em virtude da visão histórica e ideológica que vincula a prática aos modelos tradicionais de ensino, baseados na medição quantitativa, classificatória e excludente. Em Língua Portuguesa, especialmente, essa visão encontrou ‘assento confortável’ no modelo gramatical de ensino, baseado na correção ortográfica e gramatical, fato que dificulta um trabalho efetivo com a funcionalidade da língua. Buscando romper com essa visão estrutural e

normativa, a LDB propõe que o caráter qualitativo deve se sobrepor ao quantitativo, ou seja, o processo e suas nuances subjetivas devem ser consideradas na avaliação. A partir dos estudos de Cipriano Luckesi, o autor aponta para a dimensão pedagógica desse ato, propondo a avaliação diagnóstica das habilidades de leitura como um caminho para a potencialização das habilidades essenciais à competência leitora.

No capítulo III, *“Matrizes de referência das habilidades de leitura”*, analisa dois documentos oficiais: a Matriz do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação (Simave) e a Matriz do Sistema de Avaliação da Educação Básica Nacional (Saeb), tomando seus descritores como parâmetros para avaliar os níveis de leitura na escola básica. Assim, examina detalhadamente o quadro de competências e de habilidades previstas nos dois documentos e aponta que, em alguns eixos relativos à leitura, por exemplo o dos procedimentos de leitura, parece não haver clareza quanto as habilidades que deveriam compor esse eixo. Alinhado às perspectivas teóricas da LT, o autor chama a atenção para a necessidade de essa área de conhecimento dos Estudos Linguísticos aprofundar o olhar sobre as categorias de análise do texto e as habilidades envolvidas no ato de ler. Nessa perspectiva, aponta a contribuição que a análise textual dos discursos (ATD) pode oferecer à questão, sobretudo, a partir dos estudos de Jean-Michel Adam, uma proposta promissora para entender as diferentes habilidades/estratégias/conhecimentos/informações que o aluno emprega, conscientemente ou não, para ler e compreender um item de leitura em uma avaliação.

No capítulo IV, *“Avaliação diagnóstica de habilidades de leitura: experiências bem-sucedidas”*, partindo da opção feita no capítulo II, o autor traz os resultados de uma análise de: *i*) itens de provas de interpretação textual para alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, elaborados por professores em um curso de formação continuada; e *ii*) itens de diferentes habilidades de leitura, respondidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e da 1ª série do Ensino Médio, de duas escolas públicas de Minas Gerais. Sua análise revela a fragilidade desses itens, diante dos critérios de avaliação

propostos pelas Matrizes analisadas e os modelos propostos pelas avaliações oficiais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e a Prova Brasil. O autor situa, particularmente, a experiência de um curso de capacitação e acompanhamento docente no desenvolvimento de avaliações diagnósticas no qual os docentes elaboravam e aplicavam os itens. Nessa experiência formativa, percebe alguns aspectos: a dificuldade de formulação de enunciados claros nos itens avaliativos; os alunos mobilizam diferentes habilidades, independentemente do item (se subjetivo ou objetivo); e, lamentavelmente, o condicionamento dos alunos a respostas explícitas no texto, evidenciando que a capacidade de fazer inferência e identificar os implícitos são pontos a serem trabalhados na avaliação.

E, no capítulo V, “*Analisando provas*”, o autor aprofunda a análise em torno de itens avaliativos elaborados pelos professores do curso referido no capítulo anterior. Suas constatações reforçam o fato de que os alunos demonstram baixo desempenho em habilidades relativas ao estabelecimento de relações lógicas e de sentido entre informações nos textos. O maior domínio evidenciado foi em habilidades que exigem a identificação de conflitos geradores no texto narrativo, relações entre causa e consequência e articulação entre a linguagem verbal e a não verbal. No geral, a análise minuciosa que faz da amostra, revela que a capacidade de operar com os efeitos de sentidos e os não ditos, os inferidos e os implícitos são pontos caros de serem agregados aos itens avaliativos, tendo por consequência imediata um maior desenvolvimento da competência leitora entre os alunos.

O entrelace de ideias que Robson Santos de Carvalho propõe ao longo dos capítulos constitui uma verdadeira teia, pelo movimento de vai e vem, de remissões e de retomadas que constituem a urdidura de um sentido todo coeso à obra. As conclusões do autor encaminham-se no sentido de pensar a avaliação e a leitura e, sobretudo, a avaliação da leitura como um processo complexo e desafiador no contexto da Educação Básica. Há, nesse cenário, um forte elemento que “empunha a arma e

aperta o gatilho” sobre a questão: as avaliações institucionais e em larga escala, a exemplo do Enem e da Prova Brasil, que apresentam-se muitas vezes como parâmetros de mediação – no sentido estrutural e excludente do termo – que impõem regras e rótulos a serem seguidos, em nome de resultados e de projeções quantitativas. Esse fato faz com que a lógica processual, ativa, sociointerativa, natural – e por que não, espontânea e bonita da língua? –, seja sucumbida pelo poder ferrenho e cruel do comparativismo, segregacionismo e elitismo que historicamente sustentam o discurso da avaliação escolar, corroborando o triste quadro de exclusão social no país.

Na medida em que apresenta um olhar tão sensível sobre a questão, Robson Santos de Carvalho encoraja professores da Educação Básica a assumirem o compromisso de pensar a avaliação e a leitura na escola como vias de mudança social, caminhos alternativos não somente para a aquisição de competências e habilidades formais com o uso da língua, mas, especialmente, para utilizar as faculdades da linguagem a serviço de uma transformação social, política, cultural e ideológica, tão necessária no contexto atual. Essa transformação, sem dúvidas, perpassa pela escola pelo modo como o trabalho pedagógico é organizado do planejamento à avaliação, como ensina o professor João Wanderley Geraldi, desde o início da década de 1980: “os conteúdos trabalhados, o enfoque que se dá a eles, as estratégias de trabalho com os alunos, a bibliografia utilizada, **o sistema de avaliação**, o relacionamento com os alunos, tudo corresponderá, nas nossas atividades concretas de sala de aula, ao caminho por que optamos” (GERALDI, 2012 [1984], p. 40). (Grifo nosso).

Corroborando esse propósito, Robson Santos de Carvalho sequencia suas ideias de modo que desafia o leitor a enveredar-se pelo livro, buscando encontrar nele pistas e fundamentos que orientem um melhor proceder no ensino da leitura e na avaliação desta em sala de aula. A linguagem clara e acessível é também um fator convidativo ao desafio da leitura da obra. Por esses visíveis méritos e outros, que caberá ao leitor identificá-los, há de recomendar-se que *Ensinar a ler, aprender a avaliar: avaliação*

diagnóstica das habilidades de leitura seja uma leitura básica e fundamental a sujeitos envolvidos com a educação linguística atualmente, sejam estudantes de graduação (dos cursos de Pedagogia e Letras), da pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado) e, especialmente, professores que atuam na Educação Básica. Por diferentes óticas, momentos e/ou objetivos, esses três grupos de sujeitos podem extrair do livro uma reflexão oportuna ao trabalho com a leitura e a avaliação no espaço escolar.

Tendo em vista que nenhuma obra é finda e completa em si, vale sugerir a leitura de três obras fundamentais – não citadas pelo autor, embora o antecedam –, que abordam, com um grau de profundidade e relevância similar, o tema em evidência:

- a) o artigo: *Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais de ensino de língua?*, de Luiz Antônio Marcuschi (1996).
- b) a coletânea de textos, na obra: *Avaliação em Língua Portuguesa: contribuições para a prática pedagógica*, organizada por Beth Marcuschi e Livia Suassuna (2007).
- c) o livro: *Enunciado de atividades e tarefas escolares: modos de fazer*, de Denise Lino de Araújo (2017).

Portanto, bem situada em um tempo e um contexto aplicado, a proposta de Robson Santos de Carvalho, embora não apresente um dado propriamente novo e que revolucione o ensino na área, é de extrema relevância para clarificar os caminhos que a leitura e a avaliação têm percorrido na escola básica. Atende, portanto, à premissa de testar, de comparar, de validar e de simplificar conceitos e fenômenos essenciais para o amadurecimento dos sistemas de crenças, de valores e de ideologias que (des)estabilizam o fazer pedagógico na área de Língua Portuguesa.

Referências

ARAÚJO, D. L. de. **Enunciado de atividades e tarefas escolares: modos de fazer**. São Paulo: Parábola, 2017.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de Português. *In*: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2012 [1984], p. 39-46.

MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais de ensino de língua? **Em aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, jan./mar. 1996.

MARCUSCHI, B.; SUASSUNA, L. (org.). **Avaliação em Língua Portuguesa: contribuições para a prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Resenha recebida em: 03.08.2019

Resenha aprovada em: 18.12.2019